



## **DISCUTINDO A RELAÇÃO: O QUE DIZEM ALUNOS E PROFESSORES**

Andréa Becker Narvaes (doutoranda) PPGE/ UFSM  
Valeska Fortes de Oliveira (orientadora) PPGE/UFSM

**Resumo:** Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de tese. O objetivo deste texto é discutir a relação entre professores e alunos no contexto do ensino médio a partir da investigação realizada em uma escola pública estadual de um município de porte médio do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Desde sua origem oitocentista até meados do século XX, a relação professor/aluno se estabelecia fundada na certeza legítima sobre o lugar do professor e do aluno e sobre o modo de ensinar e de aprender. As recentes transformações na sociedade colocaram em questão a legitimidade de várias instituições, entre elas, a escola. A sala de aula também se torna um local de instabilidade; a relação professor/aluno está em questão. Enfrentamentos e incompreensões mútuas que parecem incorporadas às rotinas escolares em muitos lugares. A relação entre professores e alunos é considerada dinâmica central do funcionamento cotidiano da escolar e do exercício do trabalho docente. A abordagem de pesquisa adotada é a qualitativa, já que a intenção é descrever as variadas formas que as relações entre professores e alunos assumem no contexto escolar. Para tanto as técnicas de coleta de dados utilizadas são derivadas da entrevista: uma entrevista escrita com os docentes e o grupo focal com os alunos.

**Palavras chave:** Escola Alunos Professores

Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de tese. O objetivo deste texto é discutir a relação entre professores e alunos no contexto do ensino médio a partir da investigação realizada em uma escola pública estadual de um município de porte médio do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A relação entre professores e alunos é considerada dinâmica central do funcionamento cotidiano da escolar e do exercício do trabalho docente.

O sentimento de crise e de mal-estar que toma conta da escola e seus atores deve-se à “separação crescente das “funções” do sistema escolar (Dubet, 1994, p. 180)”. Para o sociólogo francês, atualmente o conjunto social não é mais homogêneo cultural e funcionalmente, sendo assim os atores e as instituições não podem ser compreendidos em uma única lógica, apenas um papel e uma só cultura.

De acordo com Dubet, a escola pode ser entendida como instituição, não no sentido clássico da função de integração do individual ao social, mas como uma construção não estável. A escola como instituição tradicional corresponde à imagem de ajustamento entre as expectativas de professores, alunos e familiares. Hoje, diz-nos o sociólogo, a escola não funciona mais como instituição no sentido apontado anteriormente, e ressalta o que não é o mesmo que dizer que não funciona.

Desde sua origem oitocentista até meados do século XX, a relação professor/aluno se estabelecia fundada na certeza legítima sobre o lugar do professor e do aluno e sobre o modo de ensinar e de aprender. As recentes transformações na sociedade colocaram em questão a legitimidade de várias instituições, entre elas, a escola. A sala de aula também se torna um local de instabilidade; a relação professor/aluno está “em questão”. Enfrentamentos e incompreensões mútuas que parecem incorporadas às rotinas escolares em muitos lugares.

A abordagem de pesquisa adotada é a qualitativa, já que a intenção é descrever as variadas formas que as relações entre professores e alunos assumem no contexto escolar. Para tanto as técnicas de coleta de dados utilizadas são derivadas da entrevista: uma entrevista escrita com os docentes e o grupo focal com os alunos. É importante deixar registrado que apesar da intenção da pesquisadora de realizar um grupo focal com os docentes do médio, após várias tentativas de datas marcadas e sucessivamente desmarcadas, a aplicação desta técnica ficou inviabilizada. Não existiu possibilidades de encaixar a uma hora e meia solicitada a coordenação da escola para tratarmos do tema da pesquisa na tão repleta agenda de horas de estudos dos professores.

Todas as falas coletadas nos diferentes momentos foram gravadas transcritas e para análise dos dados coletados se aplicou recursos da técnica denominada análise de conteúdo. O uso da metodologia da análise de conteúdo tem por objetivo estabelecer categorias ou tipologias que possibilitem a compreensão teórica da realidade em foco vista sob a ótica dos sujeitos que a vivenciam.

O grupo focal como técnica de pesquisa tem por objetivo dar a palavra a um dos grupos participantes da pesquisa, os alunos, para que eles seus pontos de vista sobre a questão central da pesquisa. O grupo focal tem por finalidade ampliar a perspectiva de análise do problema de pesquisa: “Fazer a discussão fluir entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita seus pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para a qual foi convidado a conversar coletivamente (Gatti, 2005, p.9).”

Primeiro, reconhecendo que o outro, o pesquisado, é um sujeito, não um objeto de pesquisa. É um sujeito detentor de saberes e de direitos sobre o processo de construção do conhecimento científico. Principalmente na pesquisa qualitativa, o pesquisador e o pesquisado estabelecem uma relação de proximidade que deve envolver confiança mútua. O trabalho de

campo foi realizado em uma escola estadual situada em um bairro de periferia, a escola funciona nos três turnos e atende 827 alunos.

O tema central para o debate com os alunos no grupo focal foi definido como “a relação entre professores alunos”. Como elemento motivador do debate do grupo focal, utilizei o documentário “Pro dia nascer feliz” de João Jardim que retrata a realidade diversificada da escola brasileira. Selecionei 3 cenas de 3 aulas em 3 escolas diferentes. A primeira cena mostrava uma escola pública na periferia do Rio de Janeiro, mostrava o prédio da escola, algumas salas de aula do noturno até a cena de uma aula de História. A segunda cena selecionada foi de uma escola pública na Periferia de São Paulo, o início de um dia letivo, a chegada dos alunos, um depoimento da diretora e uma cena de aula de literatura. A terceira e última cena escolhida foi de um colégio particular paulista, a chegada de uma das alunas e parte de uma aula de literatura. Iniciei o debate apresentando o roteiro: 1) apresentação do tema da pesquisa; 2) audiência do documentário; 3) debate entre os participantes. A conversa foi gravada em áudio e vídeo. Esclareci que as imagens não seriam divulgadas, apenas utilizadas por mim para fins de complementar a análise das falas do grupo. A todos os participantes foi solicitado que lessem e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido logo no início da sessão.

A particularidade do planejamento do grupo focal com os alunos do ensino médio foi a preparação de uma dinâmica que auxiliasse caso necessário, a motivar o debate. Elaborei algumas questões que indiretamente poderiam me auxiliar a conhecer o ponto de vista dos alunos sobre as relações entre professores e alunos em uma linguagem mais próxima a dos jovens. Cada questão foi escrita em uma ficha e durante a discussão alguns alunos voluntários retiravam uma ficha e liam a pergunta em voz alta para o grupo debater.

O grupo focal aconteceu com a turma do segundo ano do ensino médio diurno de uma escola pública estadual no dia cinco de julho de 2011, na sala de aula deles durante um período concedido pela professora de matemática que se prontificou para tanto. Foi feita gravação em áudio e vídeo, sendo que a discussão que teve início após a apresentação do documentário teve duração de aproximadamente meia hora (29 minutos e 15 segundos).

No primeiro grupo, assim que concluído o documentário, solicitei à turma que fizessem seus comentários, perguntei o que eles tinham “achado sobre o que viram”. Após uns instantes de silêncio, como coordenadora do debate resolvi insistir na questão refazendo-

a. Retomei resumidamente as cenas apresentadas e perguntei o que mais lhes chamou mais atenção no filme. Então alguns alunos manifestaram-se dizendo que chamou atenção a diferença dos prédios das escolas apresentadas e outro aluno citou que a grande diferença de idade observada entre os estudantes de uma turma de uma das escolas do filme. Logo perguntei o que mais? E outros momentos de silêncio seguiram-se. Então dirigi o debate para a escola deles e aos poucos eles foram se manifestando.

### **O que os alunos dizem.**

Quando perguntado o que teriam para dizer sobre os alunos da sua escola, os jovens do grupo focal da escola pública de ensino fundamental e médio (que chamarei apenas A, para mantermos o anonimato dos participantes) dizem que:

*Aluno: - Falta de interesse. Aluno: - Muita conversa, barulho, fofoca... Aluno: - Mas tirando isso acho que a escola está evoluindo em educação em relação com ao aluno... Aluno: - Evoluiu! Aluno: - Teve ano passado, houve também muita briga, era muito seguido discussão com professores, era muito seguido. Aluna: - Não sei se foi que parou porque essas pessoas que brigam sempre saíram... Antes não tinha nota eram aqueles boletins, sabe? Agora é nota. Aluno: - Sim, os alunos estão estudando mais é porque não querem rodar, têm que estudar bastante, né.*

As primeiras falas sobre a escola referem-se a características negativas: a que “falta de interesse” remete a um interesse pela escola por parte dos alunos que não aparece, mas que deveria estar presente. Outra característica aponta para o que tem de sobra: “conversa, barulho, fofoca”, mas não deveria existir. Mas, logo os alunos acrescentam uma ponderação: a escola e seus alunos estão mudando para melhor “evoluiu” dizem eles porque as brigas diminuíram. As brigas parecem ter sido uma marca das relações entre professores e alunos em determinado momento. E acrescentam à constatação desta mudança, hipóteses de prováveis causas: os alunos briguentos saíram da escola e o sistema de avaliação foi modificado.

Durante investigação na escola, fiquei sabendo que no ano anterior a entrevista, mudanças na organização curricular e no sistema da avaliação foram implementadas na escola. Uma delas referia-se a divisão dos tempos de aula diários, agora são mais períodos diários da mesma matéria, o que os alunos avaliam como positivo. Os alunos observam que

muitas matérias em um turno leva a dificuldade de compreensão do conteúdo, a certa confusão. Eles dizem precisar de um tempo maior para se concentrar em uma aula.

A outra mudança refere-se ao sistema de avaliação que antes era feito através de pareceres e agora pelo sistema de notas. Pela sua manifestação os alunos parecem preferir o sistema de notas, pois dizem “funcionar melhor”: pois deste modo os alunos preocupam-se em estudar mais, ou ao menos, garantir uma nota mínima. Neste aspecto a racionalidade instrumental é o que parece guiar as práticas dos estudantes. O agir dos alunos é justificado em função da garantia da nota para aprovação.

A imagem de alunos a quem “falta interesse”, como citado por uma aluna, pode ser classificada como uma auto imagem negativa, já que o que marca o aluno é o que ele não tem, mas deveria ter, interesse. Esta auto imagem corresponde as imagens atribuídas a eles por vários professores na entrevista escrita como é descrito abaixo. É sabido que o rótulo do aluno sem interesse circula como parte de um senso comum pedagógico nas falas de professores e pais e conforme constatado, nas falas de alguns alunos.

É possível que circule como força de verdade o mito do aluno ideal: “aquele que deseja e se interessa pelo saber escolar” e os alunos que não se enquadram nesse mito são considerados inadequados. Como diz Marin (2007, p. 290) : “Essa cultura do ideal, presente no interior das escolas, é o mito que faz com que boa parte das demais apreciações se caracterizem de modo tão negativo, que organizam a prática de modo a buscar uma excelência não especificada e distante da realidade, tornando a atividade educativa inconsistente.”

Tendo em vista que a escola tem perdido o lugar central de instituição de socialização da juventude, em muitos momentos da experiência escolar estabelece uma distância entre ser jovem e ser aluno que faz com que muitos deles vivam de forma tensa a experiência escolar. Essa tensão pode manifestar-se de diversas formas, como afastamento passivo (que parece ter gerado a leitura vulgarizada sob o estigma da falta de interesse do aluno) ou conflito ativo (como relatado pelos alunos desta escola, na forma de brigas e discussões constantes).

A resposta à questão sorteada: “fale sobre o clima da sua sala de aula”, foi dada pelas seguintes falas:

*Aluna: - Alegre; Aluno: - Brincalhona; Aluna: - Mas é, isso nunca ninguém briga.; Aluno: É que o Patrick não tá vindo muito...*

A turma pareceu satisfeita com o clima das aulas, não apenas pelas palavras proferidas, pelos olhares entre eles. Mas o fato de fazerem novamente referência às brigas, ou ao fato de elas terem cessado ou de não existirem na sala de aula deles, demonstra que relações de conflito aberto entre professores e alunos são classificadas como indesejadas pelos alunos desta escola. Chama atenção também como fator importante de satisfação dos alunos pelo clima de alegria com presença da brincadeira que se estabelece entre eles.

De acordo com Dubet, no discurso dos alunos dos liceus franceses aparece, entre outras, a esfera da integração da comunidade juvenil. A participação no grupo de pares dá um sentido de gosto à experiência escolar. Um clima de sala de aula alegre e brincalhão satisfaz aos alunos adolescentes, pois se aproxima do clima das relações de amizade e convívio entre os iguais. Mesmo que, muitas vezes, se distancie do clima de seriedade e divisão hierárquica que outras relações escolares mantêm entre adultos e jovens, sejam eles professores e alunos ou administradores e alunos, por exemplo.

Por outro lado, quando a pergunta é “que nota eles atribuiriam a própria turma”, as respostas foram:

*Aluno: - Negativa um três... Aluno: - Nem tanto meu! Eu pensei num seis, seis e meio pros alunos...*

Sendo a nota atribuída pelo grupo a si próprio como alunos em torno de seis, sendo que até um três foi citado, mas não aceito pela maioria dos integrantes, parece apontar para uma auto imagem de alunos “medianos”. Os alunos do ensino médio de origem de famílias dos grupos populares são os beneficiados pela política de massificação da educação básica se sentem ao mesmo tempo incluídos e excluídos. Usufruem da possibilidade de obter o diploma de ensino médio, que muitos dos pais não obtiveram o que representa chance de maior integração social. Por outro lado, vêem-se como alunos das escolas de menor prestígio e tem dificuldade de projetar sua vida profissional (Dubet, 1994).

A resposta do grupo de alunos em relação a questão “que nota vocês atribuiriam aos seus professores”, foi:

*Aluno: - Em geral? ; Aluna:- Eu daria média oito. Aluno: - Eu também daria uma nota oito... Aluno: - Nove... Aluno: - Oito em geral oito. Aluna: Não tem nenhum professor perfeito, nenhum chato demais.*

A partir da nota oito atribuída aos docentes, é possível inferir que a visão que estes alunos tem sobre os seus professores é que são bons professores, pois a nota para eles atribuída é superior (oito) a nota que dão a si mesmos (seis) como alunos. Neste sentido, a imagem que os alunos expressam em relação aos seus professores parece ser uma imagem positiva. No sentido de atenderem suas expectativas de forma bastante razoável.

Algumas das questões propostas para a discussão no grupo focal, foram: Qual o pior professor que já teve? Como é o seu melhor professor? Você gostaria de ser professor? Estas perguntas foram elaboradas com a finalidade de aproximar-me do ponto de vista dos alunos sobre as relações escolares por eles vividas, especialmente, do seu modo de ver e agir na relação com seus professores em sala de aula.

Na escola A, quando perguntados se poderiam descrever o pior professor que tiveram, as respostas foram:

*Aluno - Falar mal do aluno é ruim, falar mal da turma. Aluna: - Falar demais... Aluno: - Teve uma professora aqui na escola, ela não foi digamos assim a pior professora ela só tinha um jeito diferente de dar a sua aula, era uma tal chamada... “Alguém se lembra dela?” Era “canetaço”, era “coisinha” ali da chave pra bate na gente, apagador voando, era régua.*

As características de um mau professor, segundo estes alunos, referem-se a forma de tratamento dele em relação aos discentes, neste caso, de destratar a turma. Seja o mal trato efetivado pelas uso de palavras (falar mal) que desqualifiquem os estudantes, prática muito comum entre vários docentes. Ou ainda o mal trato pelas ações (jogar objetos) que para minha surpresa estes alunos ainda vivenciaram. O castigo físico muito comum há algumas décadas atrás me parecia estar extinto, ao contrário do que constatei no relato dos estudantes.

Já ao comentarem as características de um ótimo professor, as falas dos alunos foram às seguintes:

*Aluna: - Chega com um bom humor na sala de aula. “Bom dia alunos!” Tem a prof. de biologia ela chega dá bom dia faz desenhinho aqui no quadro, eu acho ela bem querida ela tá sempre de bom humor parece que nunca tem problema em casa com nada. Aluno: - A professora de educação física também.*

Novamente o que foi destacado pela turma como o esperado de um bom professor é a (boa) forma de tratamento do professor em relação aos alunos: o bom humor, as boas maneiras. A cordialidade, uma característica da relação entre professores e alunos é o que foi destacado como característica de um bom professor. Exatamente o oposto do mau professor que destrata, o bom professor é aquele que trata bem seus alunos, para eles o bom humor é característica essencial da relação positiva entre professores e alunos. A turma parece valorizar o clima positivo em sala de aula entre eles e os professores, assim o “senso de humor do professor” faz-se característica básica para uma aula agradável (Cunha,1989).

Provoquei a turma para que falassem mais da sua visão dos docentes, fazendo a seguinte questão: E o professor que vocês aprendem melhor, como é que é, que ensina melhor, que propicia a vocês aprenderem mais conteúdos como seria?: *Aluna: - É um professor exigente, que explica bem... Aluno: Que explica bem. Aluna: - Ela é exigente, mas ela é legal. Alunos: Que repete o conteúdo, não adianta só exigir... Teve uma professora de educação física ela é exigente, mas ela é legal, era uma professora nova.*

Nas falas destacam-se as ligações entre as palavras: ser exigente e explicar bem, ou “exigir, mas ser legal”. O bom professor deveria, segundo as expectativas dos alunos, saber ensinar, isto é, ter simultaneamente as características por eles ressaltadas como essenciais: exigir do aluno e explicar para o aluno.

De acordo com Cunha (1989) que investigou o significado do bom professor para alunos do então chamado 2º e do 3º graus, raramente o aluno aponta um bom professor sem que ele demonstre bom conhecimento da sua matéria e habilidades para organizar as aulas, além de manter com seus alunos relações positivas, que segunda a autora, enfatizam a afetividade.

Ainda mais duas questões nos auxiliam a compreender as imagens que os alunos fazem dos seus professores e das relações com eles. A primeira pergunta é: “como agiria com seus alunos se você fosse professor?”

*Aluna: - Meu Deus! Tenho horror total, eu ia ser muito estressada. Aluna: - Eu vou observando os outros professores e o que eu gosto mais em cada um eu vou pegando, seria mais ou menos o que eu vejo de bom nos outros. Aluno: - Eu seria, se fosse professor chegava numa turma eu ia se bem claro... “Vim da aula, se vocês não querem aula, a porta ta*

*aí. Aluno: - É isso aí bobiô já era. Aluna: - Tem que achar um jeito de chamar atenção do aluno, mas uma forma de uma aula mais divertida, é que normalmente é sempre a mesma aula sempre o mesmo jeito, tu fica sem graça, tu fica ali. Tem a professora que fala demais, fala, fala, fala...tu não entende nada do que ela falou. Aluno: - A professora de filosofia, química não param de falar...(tom de reclamação).*

Aparecem nas falas dos alunos dois modos ideais de relação professor e aluno. O primeiro ideal de professor está fundado na tradição da escola disciplinadora e na força da autoridade docente: o professor deve dar aulas e os alunos devem receber as aulas, sem questionamentos, quem não se enquadrar sai, modelo exposto por um aluno do sexo masculino. O segundo ideal da relação professor aluno, de acordo com estas falas, é o do professor disposto a chamar seu aluno para a aula que quebre a mesmice da rotina escolar, o professor que negocia suas aulas com os alunos, que motiva-os a participar, modelo ideal indicado na fala da aluna.

As respostas a questão: Você escolheria a profissão de professor? Foram:

*Aluno/s: - Não... Não... Não .Aluno: - Só um sim. Aluna: - Talvez... Aluna: - Porque eu gosto de ensinar. Aluna: - Não dá para querer...Aluna: - Não dá para dar conta de todos os alunos, quando vê ta levando tijolada, muita falta de educação sem falar que é estressado, não teria paciência. Aluno:- Mas tem uns que é calminho... Aluna: - Calminho não né... Aluno: - Tem uns estagiários que entraram bem calmos...*

O que é possível perceber além da recorrência à imagem de uma profissão desvalorizada, é que os motivos que os alunos apontam para não seguir a carreira do magistério dizem respeito ao grande estresse que imaginam envolver este trabalho, principalmente no aspecto da relação aluno professor, que lhes parece bem difícil, pois, às vezes, conflitante e outras vezes, tenso. Aparece novamente nas falas dos estudantes a imagem do professor estressado, por isso impaciente e provavelmente mau humorado no trato com a turma.

No grupo focal da escola A, à pergunta sobre “o que esperam do ensino médio”, os alunos disseram:

*Aluna: - Passar de ano. Aluno: - Sair logo. Aluna: - Não repetir. Repetir é muito ruim. Aluna: - depois de um tempo que tu tá estudando, não é que é chato estudar, é que não tem*

*mais aquela vontade... Pesquisadora:- Quando isto acontece? –Aluna: no primeiro ano do médio!*

As expectativas manifestas pelos alunos sobre o ensino médio são bem críticas ao próprio andamento deste nível de ensino da escola básica. Os alunos querem passar de ano, não repetir o ano e sair “logo”, pois perdem a vontade de estudar, como expressa uma das participantes. Sobre o ensino médio as falas demonstram que as expectativas de alguns dos alunos é não ultrapassam o próprio como final do processo de escolarização. Destaco aqui que em discussão anterior, sobre a profissão que pretendiam seguir, alguns alunos mencionaram profissões que necessitam de grau superior.

Ainda, creio que é necessário citar uma conversa entre os alunos em função de uma questão que fiz solicitando que comparassem o ensino médio ao fundamental. As falas foram no sentido de apontar uma experiência mais positiva com o fundamental do que com o médio, por duas razões básicas. Primeiro porque o conteúdo não era tão extenso e tão “corrido”. E, segundo, porque os professores eram menos “estressados”.

### **As entrevistas escritas aos professores**

O instrumento elaborado para a entrevista escrita continha na primeira parte algumas questões fechadas que permitiram traçar um perfil do corpo docente e algumas questões abertas que possibilitaram uma visão inicial sobre a percepção dos professores das suas relações com os alunos. Para possibilitar que os professores pudessem sentir-se menos constrangidos ao responder sobre sua vida pessoal e profissional, o instrumento não previa identificação do professor respondente. Apenas a última questão que explicava que haveria outros momentos de entrevista, convidava os professores que se interessassem em continuar participando da pesquisa a escrever seu nome e deixar um telefone e/ou email para contato.

O corpo docente do ensino médio da escola pesquisada é formado por 20 professores que atendem o diurno e o noturno, destes, 9 professores do médio diurno responderam e devolveram o instrumento e se dispuseram a continuar participando da pesquisa: 6 professoras e 3 professores.

As questões objetivas versaram sobre idade, tempo de exercício do magistério, titulação e área de atuação, carga horária e número de turmas atendidas. Passamos a

apresentação de algumas informações que permitem situar socialmente o professor pesquisado.

Professores do Ensino Médio	Escola A
Total Geral	20
Total que respondeu	09
Total que aceitou continuar	09

Mesmo no nível médio de ensino existe a predominância da mão de obra feminina entre os docentes. Entre o grupo de professores da escola A seis são do sexo feminino e tres do masculino.

Sexo dos Professores	Escola A
Feminino	6
Masculino	3
Total	9

A média de idade dos professores da escola A é bastante próxima e oscila entre 30 e 49 anos (6) e entre 40 e 49 anos (3).

Faixa etária Professores	Escola A
de 30 a 39 anos	6
de 40 a 49 anos	3
Total	9

Entre os docentes da escola A, a maioria dos professores (6) tem até 15 anos de carreira, dois professores encontram-se na fase intermediária de carreira, entre 16 e 25 anos de experiência e apenas um entre os respondentes tem mais de 26 anos de magistério.

Anos de exercício da docência	Escola A
1 a 5 anos	3
6 a 15 anos	3
16 a 25 anos	2
+ de 26 anos	1
Total	9

Entre os nove professores que devolveram a entrevista escrita, quatro são das Ciências Humanas, dois da Linguagem, dois das Ciências Naturais e um da Matemática.

Área de atuação docente	Escola A
Linguagens	2
Ciências Humanas	4
Ciências Naturais	2
Matemática	1
Total	9

Já no que se refere a formação docente e grau de titulação, são dois professores com graduação, quatro com especialização e dois mestres.

Titulação dos Professores-	Escola A
Graduação	3
Especialização	4

Mestrado	2
Total	9

Quanto às condições de trabalho dos professores: na escola A, do total de nove, sete professores tem carga horária entre 35 e 40hs semanais, duas professoras entre 15 e 16hs.

Jornada de Trabalho	Escola A
15 e 16h	2
35 a 40h	7
Total	9

Do total dos docentes, quatro atuam em duas escolas e os outros cinco apenas na escola pesquisada.

Nº de escolas trabalhadas	Escola A
1	5
2	4
3	0

Quanto ao número de turmas que atendem no ensino médio: duas professoras atendem até a cinco turmas por ano. Três docentes atendem de seis a nove turmas. E três professores atendem de 12 a 14 turmas.

Nº turmas que atuam	Escola A
De 3 a 5	2
De 6 a 9	3
Entre 12 e	4

14	
Total	9

A intenção das questões escritas entregue aos professores era além de traçar o perfil dos docentes do ensino médio das duas escolas, obter uma idéia inicial e geral de como vêm a docência, o discente e a relação entre eles. Para organizar os dados coletados na entrevista escrita, o primeiro passo foi digitar as respostas de todos os professores. Em seguida montar quadros descritivos por questão (cinco questões) agregando todas as respostas dos docentes por escola (10 quadros descritivos). Depois fazer leituras sucessivas para definir como unidade temática uma ou mais palavras principais por resposta.

Lendo e relendo o que escreveram os professores, procuro saber o que suas palavras me dizem sobre a relação professores e alunos vividas por eles no ensino médio. Ou melhor, qual a leitura que sou, neste momento, capaz de realizar de suas palavras. O fascínio e também a dificuldade do trabalho de pesquisa está na chance de poder encontrar, na realidade vivida por indivíduos, grupos e organizações, as brechas que mostram e/ou escondem suas infinitas possibilidades de tecer significados sobre si, os outros e o mundo.

Começo a análise das respostas pela última questão que perguntava diretamente sobre o tema central do estudo: “como você descreveria a relação que estabelece com seu aluno na sala de aula?” Cinco professores caracterizam a relação como “boa”, “tranquila”, “agradável”. Outro modo dos docentes apontarem a positividade desta relação que aparece em três das respostas como: “dialógica”, de “conversa”. Outro descritor desta relação apareceu em duas respostas é o “afeto” e o “respeito” como importante na relação professor aluno.

Outro modo de respostas a esta questão que aparece em cinco respostas, refere-se a com “mediadora de conhecimentos”, “de quem ensina e aprende”, “troca de conhecimentos”. Apenas um professor respondeu de forma a expressar diretamente dificuldades nesta relação, caracterizando-a como: “fragmentada, poucos alunos respondem ao processo proposto e desanimam diante dos que não querem nada”.

A relação professor aluno pode ser entendida como uma relação humana, social, cultural e histórica, uma relação que contém múltiplas dimensões, todas relacionadas entre si,

que assumem tanto características genéricas, universalizadas, quanto particularizadas a cada grupo situado em determinado tempo espaço.

Os docentes desta escola, junto às características positivas da relação professor aluno, apontaram para a dimensão das suas dificuldades. Dentre as dificuldades apontadas por seis professores estão: “trazer os alunos para participar”, “muita indignação quando não se comprometem”, “esta estratégia (do diálogo) está sendo difícil de ser adequada a todas turmas”, no noturno “é quase impossível encaminhar uma atividade”, “quando necessário sou autoritário”.

A relação entre docentes e discentes, como assinala Teixeira (2007), sendo da ordem do humano pode ser marcada por encontros e desencontros, entendimentos, desentendimentos, solidariedades e disputas. Uma relação humana que pode, eventualmente, assumir um caráter desumano, de violência entre as partes, por exemplo, é em geral, da ordem do humano, da troca, da mútua influência entre os sujeitos participantes.

Penso que é possível se aproximar da compreensão dos docentes sobre a relação professor aluno se analisarmos as outras respostas dadas. Sete professores responderam à questão: “como você descreveria o aluno do ensino médio desta escola?” Utilizando expressões do tipo: “poucos limites”, “não tem muita perspectiva de futuro”, “descomprometido”, “desmotivado”, “desinteressado”, “pouco interesse na busca do conhecimento”, “alguns não demonstram menor vontade estar na escola”,

Este conjunto de respostas remete a imagem negativa do estudante, já que o descreve a partir do que ele não tem, mas para enquadrar-se no modelo ideal do bom aluno, deveria ter. Mas dois professores responderam de modo diverso, dizendo que os alunos “tem grande potencial, porém, falta incentivo da família para que possam por em prática sua capacidade” e “sujeitos filhos de trabalhadores, a maioria da economia informal, pais que estudaram pouco e não tem a cultura de estudar como parte de sua história de vida”. São professores que tem uma visão compreensiva do aluno, que buscam situá-lo em relação a sua condição social.

Outra questão escrita foi assim formulada: “na sua percepção, qual a visão que os alunos têm de seus professores? Os professores responderam: “Faz de conta que constrói conhecimento”, “fornecedor de notas”, “desinteressado pelo aluno”, “estressados”,

“trabalham o que não lhes interessa”. Apenas um professor respondeu que “há diversos modos de percepção... alguns professores percebidos como sujeitos engajados na luta por melhores condições de vida(...) que acreditam no crescimento do aluno.”

Uma relação mais ou menos harmônica entre professores e alunos influencia a dinâmica de todo processo escolar. As representações que os sujeitos tem do mundo orientam suas condutas, assim se as imagens sim se expressa Teixeira: “Está colocado um problema no coração da docência, pois as representações e imagens dos docentes sobre os discentes dão significado e sentido às condutas pedagógicas, dão significado e perspectivas às suas relações com seus alunos. Quando a dificuldade do professor está no aluno e em suas relações com ele, estamos diante um problema fundante, um desafio incomensurável (2007,p.440).”

A partir do cruzamento das respostas escritas dadas pelos docentes às questões da entrevista escrita, podemos dizer que as imagens que atravessam as relações professores alunos são múltiplas e apontam para uma relação fundada em imagens negativas, principalmente no que toca aos alunos,tanto no sentido de imagens atribuídas pelos docentes , quanto de imagens reivindicadas para si.

Um pensamento de Arroyo (2009, p.174) foi para mim inspirador deste trabalho de interpretar as interpretações, se refere centralidade que as imagens dos alunos assumem para a docência. “Vemos e revemos nosso magistério no espelho do(a)s aluno(a)s (...) Quando os alunos mudam o primeiro a mudar é o trabalho e a imagem coletiva de trabalhadores em educação.”E continua expondo seu ponto de vista ao afirmar que: “Quando a imagem dos alunos(as) se altera, o principal efeito talvez seja que a imagem docente é reconstruída.”

Pode-se perceber que nesta escola, vários professores manifestam uma visão negativa do aluno, ressaltando o que ele não tem e que provavelmente no imaginário docente deveria ou poderia ter. Nesta escola os professores acham que seus alunos têm deles também uma visão negativa, o que não apareceu assim na discussão do grupo focal da turma de alunos.

Uma relação mais ou menos harmônica entre professores e alunos influencia a dinâmica de todo processo escolar. A visão que o sujeito tem do mundo e do outro orienta sua prática, se os professores manifestam imagens negativas de seus alunos, provavelmente as relações cotidianas entre eles serão difíceis. De acordo com Teixeira (2007, p.440): “Quando

a dificuldade do professor está no aluno e em suas relações com ele, estamos diante um problema fundante, um desafio incomensurável.”

Arroyo (2009, p.59) lembra a presença no nosso imaginário social de uma visão bastante negativa em relação aos grupos populares: “A visão de uma espécie de inferioridade cognitiva e até moral não é nova.” A idéia de que os grupos populares são carentes, não só de meios materiais, mas carentes da inteligência e dos valores supostamente necessários para obterem o desejado sucesso escolar é representação recorrente, inclusive entre os docentes. Segundo o autor, o debate sobre as imagens dos alunos poderia ser o foco do necessário debate sobre a docência.

As relações entre professores e alunos parecem apontar para certa tensão, derivada tanto do pertencimento dos estudantes a grupos sociais desprovidos da cultura legítima o que pode levar a dificuldades de enquadramento nas normas escolares, quanto a distância entre a cultura juvenil do aluno do ensino médio e a cultura docente.

### **Referências:**

ARROYO, Miguel. *Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CUNHA, Maria Isabel. *O Bom Professor e sua Prática*. Campinas: Papirus, 1989.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

GATTI, Bernadete. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

TEIXEIRA, Ines. *Da Condição Docente: Primeiras Aproximações*. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n.99, maio/ago. 2007.